

A clínica como vontade de potência

**The clinic as will to power**

Maria Célia Detoni<sup>1</sup>

*“Tudo se me evapora”. A minha vida inteira,  
as minhas recordações, a minha imaginação e o que contém,  
a minha personalidade, tudo se me evapora.  
Continuamente sinto que fui outro, que senti outro, que pensei outro.  
Aquilo a que assisto é um espetáculo com outro cenário.  
E aquilo a que assisto sou eu.”.*  
Fernando Pessoa

**Resumo:** O presente artigo caracteriza-se por uma escrita-ensaio que tem por objetivo encontrar pontos de ressonância entre três autores, a saber: Spinoza, Nietzsche e Winnicott no que concerne a prática clínica.

**Palavras Chaves:** clínica, vontade de potência, subjetividade.

**Abstract:** This article is characterized by a writing-essay that aims to find points of resonance between three authors, namely: Spinoza, Nietzsche and Winnicott concerning the clinical practice.

**Key Words:** clinic, will to power, subjectivity.

**Para forjar um pensamento**

É a práxis que nos indica buscas teóricas, somos forçados por circunstâncias de vida e de trabalho a procurar novas ideias, costurar conhecimentos para dar sentido ao inusitado de nossa própria ignorância diante da realidade. Portanto, nosso propósito no presente artigo é discutir a clínica como uma artesanaria afeita ao rigor da criação e da crítica dos valores. Para isto não iremos desprezar, pelo contrário, as ferramentas clássicas. Vamos reler seus ensinamentos e hibridizá-los com saberes de outras espécies já que “a escrita não é um veículo para se chegar a uma essência, a uma verdade.” (Couto, 2011, p. 114) A letra aqui se

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicoterapeuta, Mestre pela UFRGS.

## Artigos

apresenta como o exercício da descoberta, da criação de questões de pensamento, “uma viagem interminável.”.

Vamos dialogar com Spinoza, Nietzsche e Winnicott para encontrar pontos de ressonância, ou seja, de vibração entre tais autores. Certa da complexidade de tal tarefa circunscrevo esta escrita como um ensaio que objetiva refletir sobre as possíveis intercessões clínicas entre as diferentes teorias.

Winnicott (Bezerra & Ortega, 2007, p. 8, 9) com sua vasta obra, tem contribuições de extrema valia para a clínica atual, tendo em vista seu matiz antidualista nas formulações sobre os primórdios da vida psíquica, bem como na “desconstrução das fronteiras entre interioridade e exterioridade, entre os aspectos internos do sujeito e a objetividade da realidade externa” marcando a experiência humana como abertura do ser em direção ao mundo – mundo este que, tanto precede o sujeito quanto, é produto da sua criação. Nesta perspectiva Winnicott encontra os autores da filosofia da diferença uma vez que desfaz a separação entre psique e soma, o indivíduo e seu meio trazendo para a vida seu real campo de combate entre forças afirmando sua diversidade e sua processualidade. A psicanálise que se apresenta na práxis do texto Winnicottiano é, sem dúvida, orientada para a saúde “e se produz no ir e vir fluido entre ambos planos; (objetivo e subjetivo) diferença não opositora, diríamos com Derrida, não é um regime binário.” (Rodulfo, 2009, p. 43).

A perspectiva que orienta o ato clínico neste ensaio é aquele capaz de, tecer em conjunto existências de um homem sempre contemporâneo, sustentado na compreensão dos modos de subjetivação, nos seus processos, sendo capaz de situar a clínica como costura operativa<sup>2</sup> da reflexão-ação sobre nós mesmos como sujeitos históricos “como lugar de partida e como destino de um sonho.” (Couto, 2011, p. 25). Para isso julgamos prudente tomar ferramentas de diferentes autores e campos do saber, mapeando uma nosologia das

---

<sup>2</sup> “A característica fundamental da inteligência humana é a de poder prever uma determinada situação baseada em processos de identificação com os objetos e a de poder assumir internamente esses papéis, sem necessidade de expressá-los exatamente.” Material retirado do livro de Pichón-Rivière: Enrique. (1982, p. 130). *Teoria do Vínculo*. Martins Fontes: São Paulo.

## Artigos

mutações e dos engendramentos de um sujeito histórico que se apresenta diante de nossa escuta<sup>3</sup> com sua ficção.

A partir desta ótica a pretensão de um terapeuta não deve ser a de dar respostas prontas, mas levantar possibilidades e caminhos para o pensamento coletivo em cada um. Reconhecer a existência, o vir a ser, as agonias do viver, como objeto de nosso trabalho. Um duplo. A existência que nos pertence e a que cabe ao sujeito que busca um tratamento.

A subjetividade não pode ser trabalhada desconsiderando as produções inconscientes tanto quanto as dimensões coletivas, aliás, o inconsciente é uma máquina do coletivo, o sujeito é um coletivo. Pensar desta forma, ou seja, a existência desde sua produtividade é o campo da clínica e compõe sua ética a forma como o fazemos. A ética entendida como uma capacidade que nos atravessa, em selecionar, nos encontros que produzimos algo que nos faça ultrapassar as próprias condições da experiência condicionada pelo social na direção de uma prática de crescimento num aprendizado contínuo. Por isso a necessidade da crítica. É preciso refletir, olhar o que se passa ao nosso redor, perceber nossas próprias vivências de forma autoreflexiva e renunciar as armadilhas que nos reservam os valores e costumes. Pensando desta forma um terapeuta não é um arauto da moral e da saúde, nem um defensor da técnica. Ele torna-se terapeuta ao lado de alguém que lhe confia o tecer conjunto de seu próprio tornar-se também alguém. Diz Espinoza (2007, p. 273): “Padecemos à medida que somos uma parte da natureza, parte que não pode ser concebida por si mesma, sem as demais”.

Nenhum sujeito que se propõem a frequentar um consultório de psicologia vai encontrar uma pessoa sem história, sem valores, sem dramas. Parece extremamente óbvio tal afirmativa, mas não é. Qual o lugar, o que fazer com o ser do terapeuta? É um incômodo sempre em pauta que, recebe várias leituras e, muitas têm uma pretensão de controle e assepsia. Não é pretensão de este estudo abordar tal tema, apenas marcar a posição do clínico como sujeito constituído do mesmo caldo humano que seu paciente o que justifica um rigor de autoanálise e a crítica de nosso tempo, de sermos sempre extemporâneos, um pensamento sobre si e o mundo com seus valores além do senso comum.

---

<sup>3</sup> Pichón-Rivière, Enrique. (1982, p. 66). *Teoria do Vínculo*. Martins Fontes: São Paulo, pg 66. “Olhar é escutar, considerar o indivíduo e seu meio em permanente interação. Não é possível explicar aquilo que acontece com um sujeito se não levamos em conta essa situação.”

## Artigos

Podemos usar a técnica como bússola, os conceitos como ferramentas, os afetos como analisadores, o conhecimento como auxiliar da reflexão e pensar com todo nosso corpo. Pensar junto, fazer trabalhar a crítica da vida. A clínica, a meu ver é um caminho sem receitas, uma obra a ser construída a cada sessão. É sempre um mundo imenso que entra pela porta trazido pelo paciente. Quem entra não traz um mundinho pequenino, mas o universo de uma sociedade inteira, a história da humanidade que está contida naquele paciente, pois como diz o mestre Pichón-Rivière, (1982, p. 59) “temos a sociedade dentro de nós.”.

Como terapeutas somos pequenos demais para tudo isso. Somente como artesãos podemos escolher algum ponto para começar o trabalho, porque, isso nos permite iniciar sem ter necessariamente em mente a obra final, o formato final, é começar e ir talhando com o outro conforme seu desejo, tempo, e possibilidades, uma existência que lhe permita suportar processos, criar subjetividades de repouso, (rest places) enfrentar sofrimentos e angústias. (Winnicott, 1975, 15).

Fazer clínica é dar lugar psíquico, desposar o sintoma fazendo com ele um ato demiúrgico<sup>4</sup> de modos de ser, instaurar o devir. Para isso é preciso assimilar e não expulsar. Reconhecimento de si e não extirpação vergonhosa do que sou, daquilo que vejo em mim.

Para Nietzsche (*sd* (b), p.42) tudo isso é um processo de digestão onde afetos (forças) vão encontrar livre circulação (assimilação) no processo de tornar-se outro. Assim não se trata de levantar o véu para encontrar uma verdade escondida (antiga tradição da filosofia cristã), mas um trabalho de elaboração. Já que para tal autor o que somos é uma verdadeira trama de fatos, acasos, afetos, escolhas, encontros e desencontros. Uma vida é multiplicidade e, para pensar o múltiplo do humano o terapeuta precisa de sentidos e recursos múltiplos.

É por isso que teorias que pretendem fidelidade de seus estudiosos fazem uma iatrogenia intelectual e subjetiva que reduz as possibilidades de leitura dos fenômenos da multiplicidade que é o mundo pois quem vive “pregado a um só chão não sabe sonhar com outros lugares.” (Mia Couto, 2009, p. 24)

---

<sup>4</sup> Granã. Roberto. Anotações de Aula. (2011). Curso de Teoria e Clínica Psicanalítica em Winnicott no Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Contemporâneo, Porto Alegre, RS.

## Artigos

Estes são os caminhos teóricos para um ecletismo superior, ou seja, ser sempre curioso, estudioso, investigativo a partir das problemáticas encontradas e não ao contrário, querendo que as problemáticas caibam dentro de meu parco estudo de categorias que desejo imensamente poder universalizar, ou seja, fazendo um neologismo sobre Winnicott, inventar o ambiente-objeto.

### **“A verdade é triste quando é única”<sup>5</sup>**

O terapeuta – artesão (Detoni, 2009) utiliza referentes teóricos recolhidos das mais variadas fontes que tem importantes implicações na sua prática. Um elemento de fundamental importância é que nesta perspectiva não há subjetividade universal e, que seu processo de confecção é feito por múltiplas composições onde não há uma ordem privilegiada a priori nem hierarquia, pois são composições. São compostos sem que o ser deixe de ser o que ele é, mas ao mesmo tempo, compondo outro, que é ele mesmo composto com o outro. A subjetividade também não é determinada por nenhuma instância enunciativa ou fundadora sendo polifônica com múltiplos sistemas de expressão o que chamamos de causa incausada, ou seja, ao se causar, o mundo está sempre se causando, causa sempre novos mundos.

Esta concepção sustenta um sujeito muito diferente do sujeito ancorado nas representações fixas sejam elas de qualquer ordem. A representação não é o único destino da pulsão (força) e a vitalidade do ser não é puro instinto. Assim não há significante que abarque a experiência humana, seja a linguagem, o corpo ou o tempo, ou qualquer outro. A linguagem é mais uma forma de expressão mas não a única. Somente as teorias com pretensão de verdade é que carregam a expectativa dos universais.

Não existe código absoluto capaz de abarcar a diversidade e a polivalência das forças vivas; em outros termos, a vida é sempre mais múltipla e mais rica do que a possibilidade de qualquer código de capturá-la nas suas malhas e nos seus filtros. Desta forma, um circuito-histórico ou um circuito-obsessivo sempre comportam – mesmo quando aparentam total fechamento e uma total captura, - forças ativas marginais, funcionando nas suas bordas e buscando subverter o status quo e prosseguir a luta.

---

<sup>5</sup> Couto. Mia .(2009). *Antes de Nascer o Mundo*. Companhia das Letras: São Paulo (p. 193).

## Artigos

Assim a semiótica é uma máquina semiótica feita do socius e não do signo linguístico. Não é o sujeito que produz o conteúdo, mas o mundo. Não tem um ponto fundante de origem e sim um coletivo enunciativo.

Desde que o bebê nasce quem o acolhe é um olhar coletivo. Um coletivo de mães individuado naquela que ali lhe toma aos braços se reunificando a ele e traduzindo um ambiente, hospital, médico, pai, cheiros, temperatura, sons, outras pessoas, afetos e sensações, um mundo. A emoção não é no vazio, todos estamos em relação com alguma coisa e, toda emoção produz no ser os fragmentos e os traços que vão configurando a subjetividade que se atualiza num tempo histórico.

A formação do sujeito não é produto da organização pulsional em fases, mas de um campo imanente onde o caos é portador virtual de uma complexidade infinita, como no jogo de dados que surgem configurações complexas e diversas. É no advir entre eu e não eu do infante e sua mãe que podemos enxergar o caos como ameaça, (id) fator de dissolução ou reconhecer a vitalidade, o nascedouro da vontade de potência.<sup>6</sup>

Se encontramos na filosofia da diferença uma epistemologia não cartesiana abrindo sistemas de pensamento na multiplicidade encontraremos na psicanálise o olhar do detalhe, do minúsculo na tessitura do self. E, tal característica é marcante na obra do autor que nos orienta neste estudo. Será nos pequenos atos humanos que Winnicott encontrará o sentido da experiência humanizante.

### **Nascer criando, criar para nascer: paradoxos da experimentação.**

“Em que idade o ser humano começa a ter experiências?”

Winnicott (1988, p. 147)

O intertexto entre estes autores requer uma delicada caminhada. Teorias especiais e generosas para o trabalho clínico. Sua presença nos bancos acadêmicos é pouco comum bem

---

<sup>6</sup> Em alemão “Wille zur Macht”, vontade de poder em Nietzsche. Em Espinoza encontramos a ideia de potência ligada ao conceito de conatus. Para isto ver Glossário de termos de Espinoza em Deleuze. G. (2002). *Espinosa – Filosofia prática*. Escuta: São Paulo. Os termos serão utilizados aqui na referência a estes autores. Ver Nietzsche. F. (s/d). (a) *Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de uma Filosofia do Bem e do Mal*. Hemus: Curitiba, em especial o verbete 13.

## Artigos

como a prática do ecletismo. Então humildemente apresento recortes que venho fazendo, mas ressaltando que a minha preciosidade conceitual é como dizia Deleuze, fazendo filhos nos conceitos: não persigo a epistemologia autoral.

Para Nietzsche, (2008, p. 20) conhecer é apropriar-se, assenhorar-se, não é a consciência quem conhece, é o corpo quem conhece. Para ele o conhecimento vem da relação dos indivíduos com a realidade porque não há nenhuma divindade que media a vida dos homens consigo mesmos a não ser suas próprias interpretações.

Encontraremos em Spinoza<sup>7</sup> que mente é a ideia - experiência e não conteúdo<sup>8</sup> - do corpo e que o nosso conhecimento só pode ser a respeito do mundo que existe. Seguindo ainda o autor a mente é o lugar do conhecimento e da produção da capacidade de lidar com as afecções. O resultado da relação que estabelecemos com o ambiente que existe, é o que devem dinamicamente numa substância só - uma coisa só mente e corpo - que podemos chamar corporeidade que, é a sabedoria que temos de nossa própria existência, ou seja, só existimos no agir, na experiência. Será na experiência de onipotência<sup>9</sup> que o animal humano fará seus pretextos para armar mundos ou, na linguagem de Deleuze e Guattari (1995), territórios existenciais. O fundamental para Spinoza (2007, 123) é que o corpo se define por sua aptidão de afetar e ser afetado.

E, ainda vamos nos avizinhar com Winnicott, para ter entre estes autores um ponto de partida em comum. Fortemente marcado pela fenomenologia empirista Winnicott<sup>10</sup> vê o infante como pura imanência com seu ambiente quando diz que este inventa o mundo. A vivência do infante com o ambiente - mãe-ambiente - é o criacionismo do seu mundo. Não será o outro que lhe significará desde um campo do fora nem serão seus impulsos que lhe conferirão uma dinâmica psíquica desde um dentro (interno) extrínseco a si mesmo mas um encontro cheio de afecções.

---

7 <http://cafesfilosoficos.wordpress.com/2008/11/19/etica-na-contemporaneidade/#comments>. Acessado no dia 22/08/2011.

8 Ver a Proposição 1, Parte 2 no livro Spinoza, B. (2007). *Ética*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa.”

9 Para rever o conceito de experiência de onipotência a luz de Winnicott nas suas singularidades em relação a tradição psicanalítica ver Rodolfo, Ricardo. (2009). *Trabajos de La lectura de La violencia – lo creativo – lo destructivo em El pensamiento de Winnicott*. Paidós, Buenos Aires, Argentina.

<sup>10</sup> A este respeito ver Graña, Roberto. (2007). *Origens de Winnicott*. Casa do Psicólogo: São Paulo. em especial os capítulos 1 na página 21 e na segunda parte capítulo 3.

## Artigos

Encontramos na ideia de platô<sup>11</sup> proposta por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (1995) um meio onde as coisas não nos rodeiam, nós é que formamos com elas um mesmo mundo, somos objeto (coisas) e ser (sujeito) habitando um indivisível corpo composto de forças e sedimentações. Desta forma o ambiente não é o externo, mas uma ambiência composta do que seria para o infante inicialmente um contato com um mundo informe e caótico denominado caosmologia por nós da clínica e pelos literatos uma vez que se trata da “aprendizagem de um primeiro idioma quando ainda se espera por um destino”, (Couto, 2009, p. 12).

Ao pensar desta forma é evidente que o indivíduo não fica confinado nem no significante nem no pulsional. Assim reconhecemos um ser da relação, do gesto espontâneo que, ao chegar ao mundo é tomado aos braços de um colo cheio de sentidos. A seguir apresenta-se a nutrição e ali já temos um vir a ser, um self em devir imanente e não representacional na conquista de fusionar-se e transicionar-se para o trabalho da relação com o objeto/mundo/outro que vai lhe proporcionar os rudimentos para, - sempre em processo - obter as condições de alteridade necessárias ao ser no mundo.

Em Winnicott (1983) eu invento o outro e ele me permite inventá-lo, com seu holding “eu invento o mundo”. Infante e mãe em invenção mútua por afecções spinozistas. “Todos os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para existência.” Diz o pediatra – psicanalista: “a mãe que é capaz de se dedicar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o vir-a-ser de seu infante.” (Winnicott, 1983, p.82).

Assim a vitalidade ou a força vital é uma das congruências entre estes autores. Há neles uma perspectiva de compreender o humano como força de criação, combate para a vida ou na vida. Como cada um deles abordou diretamente é claro tem muitos detalhes mas para o pensamento clínico escolhemos estes como operadores valiosos.

Por isso vamos tomar em Spinoza a quebra do pré-conceito de que o corpo se submete à mente.<sup>12</sup> O autor afirma: “ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da

---

<sup>11</sup> “Um platô está sempre no meio - nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs... toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira formar e estender um rizoma.” Ver em Deleuze, G. & Guattari, F. (1995) *Mil Platôs*. Vol. 1. Editora 34: Rio de Janeiro. Pág. 33

<sup>12</sup> Aqui optamos pela tradução direta do latim de *mentem* como *mente* na versão do tradutor Tomaz Tadeu, embora na tradução clássica da Coleção Os Pensadores encontraremos a ideia de alma.



## Artigos

natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer” (Spinoza, 2007, p. 167). O autor com isso quer afirmar que “nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso” e uma vez que todo movimento provem do corpo afetado (por extensão = afeto=deus=natureza=força) e como corpo e mente são uma só coisa, uma só substância, não é ela que o afeta, mas sim outro corpo que força ao pensamento, à ação (ambiente/mundo).

Esta força que afeta o corpo é aquela que também o constitui, o forma e lhe permite também formar, inventar o mundo, ou como diria Winnicott o objeto. Este é, portanto o campo da imanência que une os três autores que estamos trabalhando partindo de Spinoza onde “o indivíduo é antes de tudo potência, e não forma” (Dosse, 2010, p. 124) e esta é o esforço que tende para o limite da preservação do ser que o filósofo nominou de *conatus*.

Assim como Winnicott vê um infante que vai se engendrando à medida que compõem seu próprio mundo conforme o ambiente que o acolheu tenha sido suficientemente bom ou hostil a sua chegada, podemos buscar em Nietzsche que será assim que este sujeito formará suas marcas, que este corpo comporá sua história e, que o corpo existe quando entra em relação com outras forças.

Porém, no sentido que Nietzsche (s/d, p.42, (b)) dá ao corpo ele é sempre fruto do jogo das forças, é exatamente este embate que se efetiva entre forças diferentes. É aí que se forma o corpo mãe-infante, um só corpo, que no seu campo de forças vitais irá dando vida para muitos outros corpos vivos. Um corpo é afeto, um corpo é um fenômeno múltiplo composto por unidades de dominação ou como diria Winnicott (1983, p.211) de integração.

É a integração da multiplicidade ou a dominação de uma força sobre outra (Spinoza, 2007, p. 169) que permite que um corpo confeccione o que Winnicott vem a chamar de *self unitário* (eu/ego). Não é porque ele é uno que se dará por pronto e acabado lá quando o infante pode reconhecer uma força não-eu chamada mãe (objeto diferente da mãe ambiente que é toda imanente com ele), pois desde que foi concebido no desejo já era corpo em devir e

## Artigos

seguirá em devir, por isso o ser é em processo e estamos sempre floculados<sup>13</sup> e reintegrados em forças das mais diversas quimeras. Será na desilusão tão precocemente experimentada, como nos disse Winnicott, (1994) em seu lindo texto de outubro de 1939, que a vida exigirá mais fortemente nossa presença.

Assim a célebre pergunta de Spinoza na *Ética*, (2007, p. 167) o que pode um corpo?, está de alguma forma, na boca dos três autores aqui presentes no texto.

### **O grande combate: não viver é o que mais adocece**

*“Chamo servidão a humana impotência para governar e refrear os afetos.”*  
Spinoza, 2007, p. 263

Em Winnicott (1983) a construção da realidade psíquica pode ser entendida como um processo de comunicação altamente sofisticado. A princípio comunicação sem palavras, baseada no funcionamento corporal, nos cuidados oferecidos pela mãe ao recém-nascido, mas essencialmente uma experiência de mutualidade. A relação mãe-infante, na visão do autor rompe com a dualidade meio e realidade interna, dentro e fora, uma vez que nesse estágio de dependência absoluta o comportamento da mãe é parte do infante. Ainda não há separação entre o eu e o não-eu. Então, a comunicação que se estabelece é uma comunicação silenciosa e concerne ao aspecto subjetivo dos objetos, ou seja, a invenção da fantasia ou da imaginação. É da afirmação silenciosa da existência que podemos dizer que a mente (psique) constitui como sua essência a ideia de corpo existente em ato sendo o primeiro e o principal efeito de nossa mente um esforço para afirmar a existência do nosso corpo, diz, claramente Spinoza, (2007, p. 177) novamente aproximando os dois autores.

Ao afirmar vitalmente a existência, corpo e mente, psique e soma, perdem a dualidade e se tornam um só. Quando a natureza das forças de outros corpos afeta um corpo afeta esta unidade, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, mas “nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso ou a qualquer outro estado.” (Spinoza, 2007, p. 167). Daí deduzem-se as capacidades alegres, a saúde, a criatividade que assinala Winnicott como marca plástica da saúde ou os afetos tristes, marca

---

<sup>13</sup> Graña, Roberto. Anotações de Aula. (2012). Curso de Teoria e Clínica Psicanalítica em Winnicott no Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Contemporâneo, Porto Alegre, RS.

## Artigos

da dor passiva operante no adoecimento onde o corpo não pode afirmar sua demiúrgia<sup>14</sup> originária como vitalidade.

O infante segurado no corpo da mãe já é corpo da experiência, vive a intensidade da suficiência ou da falha do primeiro holding. Este holding é corporal como diz Winnicott (1983, p. 51) “no início essas mudanças são quase fisiológicas, e começam com a sustentação física do infante no útero.” Afastando a ideia de instinto materno o autor aceita que ali está uma mulher em pleno combate com a força de seus próprios afetos para exercer uma das mais difíceis tarefas: a maternidade.

Winnicott descola a noção de força como destrutividade instintual dirigida ao mundo, como colocam as perspectivas Kleinianas e mesmo a versão pulsional freudiana (Graña, 2007). Nas contribuições deste autor a força que move o infante é a agressividade – que é parte do amor primário – e/ou a motilidade que são o ponto de partida em direção à vida que visa construir e, não destruir (a mãe ou o seio). Tal movimento é um campo de imanência sem exterioridade, há um corpo mãe-infante inicialmente sem relação de objeto. A motilidade representa importante função na formação do infante. Na aposta vital o ambiente é descoberto e redescoberto e o contato com o ambiente é uma experiência; de outra forma o ambiente se impõe ao infante e exige ser decodificado<sup>15</sup> e teremos uma série de respostas à intrusão e, ainda quando muito exagerado não resta espaço para a individualidade ocorrendo uma falha no narcisismo ocultando o verdadeiro eu (self) sendo que, um falso eu irá se sustentar socialmente (self). Na saúde diante da frustração o indivíduo sente prazer de buscar uma oposição adequada mas na doença precisa da oposição e na sua raiz encontra a motilidade, ou seja, precisa de uma força reativa para ativar uma motilidade ativa.

É porque a vida não é óbvia e sim trabalhosa que Winnicott (1988, p. 143) refere que “a localização da psique no corpo é algo a ser alcançado.” É para o autor, uma aquisição, viver na própria pele, pois “o mais profundo é a pele.”<sup>16</sup> Em Deleuze (1998, p. 106, 107) a

---

<sup>14</sup> Graña, Roberto. Anotações de Aula. (2012). Curso de Teoria e Clínica Psicanalítica em Winnicott no Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Contemporâneo, Porto Alegre, RS.

<sup>15</sup> Ver Rodolfo, Ricardo. (2009). *Trabajos de La lectura de La violencia – lo creativo – lo destructivo em El pensamiento de Winnicott*. Paidós: Buenos Aires, Argentina. Pg 47.

<sup>16</sup> Poema de Paul Valéry. <http://www.culturapara.art.br/opoema/paulvalery/paulvalery.html> .Acessado em 03/11/2011. "A poesia é o máximo de tensão entre o som e o sentido. O mais profundo é a pele. O poeta é uma espécie singular de tradutor que traduz o discurso ordinário em "linguagem dos deuses". Seu trabalho interno consiste não em procurar palavras para suas ideias mas em procurar ideias para suas palavras e seus ritmos

## Artigos

pele é uma superfície de sentido e não uma superficialidade e em Winnicott ela permite “a localização da psique no e dentro do corpo.” O autor coloca que:

o manuseio da pele no cuidado do bebê é um fator importante no estímulo a uma vida saudável dentro do corpo, da mesma forma como os modos de segurar a criança auxiliam o processo de integração. Se a utilização de processos intelectuais cria obstáculos para a coexistência entre psique e soma, a experiência de funções e sensações da pele e do erotismo muscular fortalecem essa coexistência.(Winnicott, 1988, p. 143)

Portanto se um infante se inventa, se um casal, uma mãe, um pai, seres se inventam é porque forças se exercem. A força então não é etérea, ela é absolutamente concreta nos seus efeitos sobre os indivíduos.

Não é a força quem quer, é a vontade quem quer (Deleuze, s/d, p. 78) e a este querer chamaremos vontade de poder ou vontade de potência - é a vontade quem quer mas a força quem pode-. É a força quem atribui ao querer da vontade a possibilidade do movimento, da ação. Mas mesmo não sendo a força quem quer ela não se deixa delegar nem alienar porque ela esta sempre em relação com outras forças e sua essência é sua diferença de quantidade (dominante ou dominada) em relação com outras forças e esta diferença se exprime como qualidade (ativa ou reativa).

A vontade de potência é o elemento genealógico,<sup>17</sup> de onde dimanam as diferenças de quantidade (dominante/dominada) e qualidade (ativo/reactivo) e o resultado desta relação é que marcará cada força. Estas têm por princípio a dominação, o afirmar-se e o obedecer. Quando se afirma e algo retorna; retorna como síntese do que foi, como decantação da diferença do embate entre si mesmas. Retorna a força que dominou em forma de imposição de vida, mas é também a que obedeceu como conduta adaptativa (Deleuze, s/d, p. 77). Este é o chamado empirismo superior, da experiência constitutiva, da plasticidade ontológica do ser que não é maior do que aquilo que o condiciona, que se metamorfoseia com o condicionado.

---

predominantes." Ver também DELEUZE, G. (1998). Décima Quinta Série: das singularidades. In. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, p. 103-111, em especial pg 106.

<sup>17</sup> Genealógico: porque faz a síntese das forças na sua qualidade como ativa ou reativa e na sua quantidade como dominante e dominada.

## Artigos

O fato de serem as forças inseparáveis não quer dizer que sejam idênticas. O conceito de força é sempre vitorioso, pois sempre na relação uma é dominante e outra dominada, mas o que as diferencia mesmo é a vontade de potência que é seu elemento interno e por isso uma se abate sobre as outras, as domina ou as comanda. “É a vontade de poder que faz com que uma força obedeça numa relação; é por vontade de poder que obedece.” (Deleuze, s/d, p. 79).

A vontade de poder é o elemento diferencial da força que determina sua qualidade e por outro lado se manifesta através dela que, se “manifesta como um poder de ser afetado.” (Deleuze, *sd*, p. 94). A vontade de poder determina a relação das forças entre elas do ponto de vista de sua gênese (ativo/reactivo) e é sempre determinada ao mesmo tempo que determina, qualifica e é qualificada. É o poder do corpo de ser afetado e da própria força de ser afetada.

O poder de ser afetado não é passividade mas afetividade, vontade de poder, “a forma afetiva primitiva” aquela de onde derivam todos os outros sentimentos (vitalidade). Para Deleuze (*sd*, p. 95) “a vontade de potência não é um ser nem um devir, é um *pathos*,”<sup>18</sup> uma manifestação de um sentimento.

O corpo é o governante de uma multiplicidade. Está é a inversão da metafísica. Não está na transcendência ou na consciência a grande razão do homem. Está no corpo como modelo de unidade do sujeito. O corpo é tomado na sua materialidade, na sua multiplicidade constitutiva e em especial na sua complexidade. Então, são as imagens, a fisiologia entendida como organização do corpo isto é o que nos trará Nietzsche.

Adoecer, entristecer, padecer é o resultado do triunfo da força reativa (ressentimento, má consciência, neurose) sobre a força ativa ou ainda dos afetos tristes sobre os alegres. Ou seja, “Quando a força reativa separa<sup>19</sup> a força ativa daquilo que ela pode esta, por sua vez torna-se reativa. As forças ativas devêm reativas.” (Deleuze, s/d, p. 97). É assim que vence a vontade de nada e, a sua superação é o que chamamos o super-homem.

---

<sup>18</sup> Pathos é uma palavra grega que significa paixão, excesso, catástrofe, passagem, passividade, sofrimento e assujeitamento. O conceito filosófico foi cunhado por Descartes para designar tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado (pelos filósofos) de pathos. O conceito está ligado a padecer, pois o que é passivo de um acontecimento padece deste mesmo. Portanto, não existe pathos senão na imperfeição.

<sup>19</sup> É quando o homem separado do que pode descrente de si, diz sim a um ideal, a outro mundo.

## Artigos

Em Winnicott a doença não é o jogo dos impulsos. Para ele o indivíduo se constrói a partir de sua boa ou má acolhida no mundo e, como resultado destes encontros, vemos nascer o gesto espontâneo (ilusão de onipotência) ou o retraimento que empobrece a força vital num traumatismo de intrusão. Ser o genealogista ou o terapeuta artesão é interpretar estas multiplicidades, as relações entre ação e afirmação, forças ativas e reativas vistas de todos os lados levando em conta que para se tornar ativo não basta que uma força vá ao seu limite - do que pode- mas é preciso que faça do que pode uma afirmação usando como parâmetro de seleção vital o critério da composição e do eterno retorno.

Tal pretensão clínica é consonante com a ideia do pensar verdadeiro de Spinoza que ao modo clínico nos faz encontrar com a avaliação de Winnicott (1983) quando afirma que há um limite evidente na compreensão do analista.

### **A psicoterapia como fator reflexivo de um pensar verdadeiro**

O que seria este pensar verdadeiro? O pensamento da corporeidade, um pensar autoreflexivo proposto tanto em Zaratustra como na Ética de Spinoza.

Um pensar que extrapola as linhas do conteúdo e percorre o trajeto de formação do que somos e estamos nos tornando, um pensamento do corpo, dos afetos, dos valores, dos conceitos que formam sintomas, pensar a combinação do acaso com as escolhas feitas e as por fazer.

Um pensamento que segundo Nietzsche afirma a realidade. Constatar, aprovar, ou seja, conhecer, reconhecer seu funcionamento. É não fugir da realidade, confirmá-la: “é isso aí e agora?” - Como transvaloro, transformo?

Este é um ponto central no trabalho analítico uma vez que, compreendo como o filósofo citado que, todo criador é um infrator (Nietzsche, 2011). O setting analítico é um lugar de acolhida do ato criador - ato infracional, sobre destinos pobres. Emigrar da própria vida reconhecendo os valores que carregamos e como os inventamos e o que nos torna afeitos a eles é necessário para tomar a responsabilidade de uma vida própria.

## Artigos

Há nisso uma razão que aprova a existência, que acolhe o que sou e o que posso. Este é o combate, a micropolítica das forças, o reconhecimento delas e do jogo que está acontecendo entre elas. Combate não é de guerra, mas de exercício de potência, de poder, conforme nos guia Deleuze neste deciframento da relação das forças entre si, produtoras de saúde ou doença.

As forças serão reconhecidas na sua qualidade por ativas ou superiores e fazendo este encontro que nos propomos entre os autores, de afetos alegres, que compõem com o corpo, aumentam a potência de agir conforme Spinoza e esticando a prosa como energia vital, força de criação nas palavras de Winnicott.

As forças serão ditas inferiores ou reativas ou dominadas, de afetos tristes que, diminuem a potência de agir, ou seja, que decompõem com o corpo ou destrutivas também seguindo os autores respectivamente. Esta hierarquia não é uma rigidez visto que obedecer é uma qualidade (característica) da força tanto quanto ordenar são modos de expressar as qualidades relativas ao poder (a potência).

A força reativa é adaptativa, orgânica, é impiedosa<sup>20</sup> ao buscar no mundo, como diria Winnicott, o que precisa como corpo para afirmar-se, porém é somente na ação das forças ativas que esta afirmação é possível, quer dizer, em direção à vida. O corpo que tem nome de eu, é na verdade esta psique/soma em forma de ser, é um self em devir que é ativo e, tende ao poder - vontade de potência -, ou melhor, dizendo na psicanálise de Winnicott (1999) tende para a criação e diria Spinoza, poeticamente, para a experiência do agir em composição de afetos.

Assim, uma força ativa ou um sujeito saudável é aquele capaz de apoderar-se, apropriar-se que “quer impor formas, criar formas explorando as circunstâncias.” (Deleuze, s/d, p. 66) A potência nobre nasce do que Winnicott chamou de experiência de onipotência

---

<sup>20</sup> Amor impiedoso, ver a definição de Winnicott em Psicanálise do sentimento de culpa no livro O Ambiente e os Processos de Maturação na p. 25 quando diferencia sua noção da proposição de Melanie Klein ao reiterar a importância da mãe – ambiente – imanente -) para que o infante irrompa livremente sobre a mãe “para tirar dela tudo que ele sente ser bom”, e se ela se comporta de modo adaptativo ela permite ao infante se conciliar com o fato de que o objeto de seu ataque é o mesmo responsável pelo cuidado podendo inaugurar a consideração consigo e com o objeto, colocando esta complexa força afirmativa do infante em direção à vida como a potência integradora do self.

## Artigos

uma vez que desde muito pequeno cada ser humano terá confiança para exercer a criação de corpos que unidos farão para ele o sentido do unitário, do uno, um eu capaz de dominar a existência, de querer potentemente a vida. As forças reativas trazem como sintoma uma “vida não-criativa que é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de futilidade, de que nada importa.” (Winnicott, 1999, p. 36).

A avaliação destas forças é uma medida das condições de saúde, um diagnóstico de nossas condições no mundo. É sempre circunstancial, histórico, efêmero e parcial, mas é a lúcida e tosca bússola que pode orientar nossos passos no mar de acasos da louca vida. Spinoza propõe uma razão reflexiva, que avalia o que convém ao ser ou o que em Nietzsche podemos chamar do exercício dos animais de Zarathustra (2011) no ato reflexivo, na filosofia a marteladas que faz do pensamento uma suspeita, (Giacóia, 2001, p. 46).

Será na dissolução do fundo moralista da função da psicologia que Nietzsche vai se autoproclamar o primeiro psicólogo da Europa e seguirá na destruição do primado da consciência que é muito clara em Winnicott na formação da ideia do bom e mau. Para Winnicott precisa de moral quem não experimentou o sentimento de *concern* (consideração). Não será na culpa totêmica e edípica que irá residir a boa convivência dos animais humanos para o autor, mas no fato de terem sido vinculados ao apego dos laços de outros humanos que lhe marcaram a carne (o corpo) com o cuidado suficientemente bom, que lhe asseguraram a si para que pudessem considerar o outro. Aqui o paradigma que orienta é o da ontologia do ser, de como este compreende o real, compreende e toma consciência de si mesmo e de seus atos.

Portanto posso depreender que se Winnicott encontrasse Spinoza, com certeza, concordaria que conhecer o bem e o mal é construir o bom e o mau no tecer dos próprios afetos de alegria e tristeza, pois se aumento minha potência de agir conheço o bom e não o bem (divino). O bom não é um universal, é uma particularidade dos universais<sup>21</sup>, assim como o mau (mal) diminui minha potência de agir e gera o desejo de controle ineficaz ao qual damos o nome de neurose.

---

<sup>21</sup> Ver a crítica dos universais em Deleuze. G. (1992). O que é a Filosofia. Editora 34: Rio de Janeiro. “Toda criação é singular, e o conceito como criação propriamente filosófica é sempre uma singularidade. O primeiro princípio da filosofia é que os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados.”



## Artigos

O desejo de corrigir a existência diante das circunstâncias da vida nos desvia de sua riqueza e isso é fundamental no trabalho clínico que nos propomos aqui. Nesta abordagem o objetivo é tentar compreender a dinâmica dos afetos (forças) que está nos abatendo para observar, conhecer o que se passa em mim, comigo e nos outros, pensando junto com a experiência evitando o julgamento e o controle dos afetos passivos e doentes de cada um para usá-los a partir de sua força ativa.

Dizendo de outra forma, o setting analítico compõe, portanto, o espaço possível onde podemos realizar a ativação e apropriação de partes do self inibidas ou retraídas, provendo oportunidades de recuperação das partes que ao longo do caminho foram obliteradas. Para isso existe um “estar com”, construir experiências, produzir pensamentos, interpretações, sensações, afetos numa atitude clínica.

Interpretar é avaliar e toda vontade implica uma avaliação (Deleuze, s/d, p. 83). Interpretar é determinar a força que dá um sentido à coisa. Avaliar é determinar a vontade de poder que dá a coisa um valor. A vontade de poder é de onde derivam a significação do sentido e o valor dos valores. O valor de um valor consiste na qualidade da vontade de poder que se exprime na coisa correspondente: a vontade de poder é aqui afirmativa ou negativa...”(nobre ou escrava), (Deleuze, s/d, 83,84)”.

A clínica é o lugar onde a interpretação serve como ferramenta de trabalho, mas ela é também um instrumento de vida que deve ser aprendida por todos para estar a serviço de uma avaliação cotidiana de si mesmo.

Spinoza (2007, p. 289) não duvida disso, pois o filósofo afirma que quanto mais a pessoa se esforça para procurar o que lhe é “útil, isto é, quanto mais se esforça por conservar o seu ser, e é capaz disso, tanto mais é dotado de virtude (potência); e, inversamente, à medida que cada um se descuida do que lhe é útil, isto é, à medida que se descuida de conservar o seu ser, é impotente.”.

Este ser que deve ser cuidadosamente encorajado a tornar-se ação, a traduzir-se em obra, tanto em Nietzsche como em Spinoza encontrará ressonâncias no verdadeiro self winnicottiano. Para o psicanalista o verdadeiro self é o que é, é o ser na sua face mais

## Artigos

imane com o ambiente, ou com o outro pelas afecções. A experiência que temos com o mundo é que vai dando uma forma, uma unidade, que é o self unitário, que também chamamos de eu. O verdadeiro self, como reduto do ser, não prima pela organização pulsional, mas por assim dizer, uma reserva da vitalidade originária num mundo ainda a ser confeccionado<sup>22</sup>.

Usar nossa capacidade de confeccionar mundos, operar com o que podemos é um trabalho intransferível. Herdeiros da tradição judaico-cristã que, sempre idealiza um mundo a ser alcançado, sofremos na busca do elo perdido, um homem perfeito, um corpo idealizado, dinheiro, profissão, um ego ideal que nunca alcançamos. Desposar a nobreza da autoaceitação permite desfrutar do próprio poder, encontrar aquilo que de fato nos cabe e resignarmo-nos de forma ativa a este quantum de uma vida. Quando a clínica se furta de enfrentar claramente esta tarefa gratificando o paciente, ou então mantendo-o preso ao trabalho projetivo de seu ser, estará hipotecando o crescimento, pois nos deparamos com a facilidade de acesso da pirataria do viver e do pensar.

Instigar a capacidade de se autossustentar, autorregular, modificar, acontecer e pensar é a complexa tarefa que precisa exercer o terapeuta sem se furtar de seu compromisso com os desenlaces deste processo na vida do paciente.

Winnicott (1994) escreve um texto em 1968 intitulado “A Interpretação na Psicanálise”, e nos deixa ali muitas provocações. Afinal, para que serve, como e quando interpretar. O artigo deixa margem para muitos debates e vale ressaltar a reflexão do autor ao chamar atenção sobre os efeitos da interpretação no paciente, bem como a comunicação inevitável dos valores do terapeuta, mesmo de forma não verbal.

Enquanto todo um contingente de profissionais discute como trabalhar, de que forma acolher o sofrimento, as angústias da existência, temos também aqueles ainda aferrados a negação do aspecto político e histórico na formação da subjetividade humana. Esta atitude se apresenta tanto na forma de compreender a psique como uma categoria atemporal formada de categorias intrapsíquicas estáveis ou então no viés organicista que categoriza o

---

<sup>22</sup>Graña. Roberto. Anotações de Aula. (2012). Curso de Teoria e Clínica Psicanalítica em Winnicott no Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Contemporâneo, Porto Alegre, RS.

## Artigos

comportamento humano como fruto de enzimas e descargas de ondas cerebrais. Assim, atribuir um nome ao sofrimento parece uma boa solução, mas não necessariamente ajuda a combatê-lo.<sup>23</sup>

## Referências

Angel, M. (2011). A epidemia de doença mental. *Revista Piauí*. São Paulo, Ed. 59, agosto de 2011.

Bezerra, B. Jr. & Ortega, F. (Org) (2007). *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Corso, M. (2011). Nomeando o Sofrimento. *Zero Hora*, Caderno de Cultura. Porto Alegre, 24/09/2011.

Couto, M. (2011). *E se Obama fosse Africano?* São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. (2009). *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. (1992). *O que é a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34.

\_\_\_\_\_. (2002). *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta.

\_\_\_\_\_. (s/d). *Nietzsche e a filosofia*. Porto: Rés.

\_\_\_\_\_. (1998). *Lógica do Sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Deleuze, G. ; Guattari, F. (1995) *Mil Platôs*. vol. 1. Editora 34: Rio de Janeiro.

Detoni, M. C. (2009). *Artesania Clínica: questões para uma prática da multiplicidade*. Porto Alegre: Marca Visual.

---

<sup>23</sup> Corso, Mario. Nomeando o Sofrimento. Zero Hora, Porto Alegre, 24/09/2011. Caderno de Cultura.

## Artigos

Dosse, F. ; Gilles D. ; Félix, G. & Strachey, A. *Biografia Cruzada*. Porto Alegre: Artmed.

Giacoaia, O. J. (2001). *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos.

Graña. R.. (2007). *Origens de Winnicott: ascendentes psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Nietzsche, F. *Assim Falou Zaratustra*. (2011). São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. (s/d). *Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de uma Filosofia do Bem e do Mal*. Curitiba: Hemus.

\_\_\_\_\_. (2008). *Ecce Homo*. Portugal: Lusosofia:.

\_\_\_\_\_. (sd). *O Crepúsculo dos Ídolos ou A Filosofia a Golpes de Martelo*. Curitiba: Hemus.

Pessoa, F. (1989). *O Livro do Desassossego*. São Paulo: Brasiliense.

Pichón-Rivière, E. (1982). *Teoria do Vínculo*. São Paul: Martins Fontes.

Rodulfo, R. (2009). *Trabajos de la lectura, lecturas de la violència: lo creativo, lo destructivo em el pensamiento de Winnicott*. Buenos Aires: Paidós.

Spinoza, B. (2007). *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica. 3 ed.

Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1988). *Natureza humana* . Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1983). *O Ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed.

\_\_\_\_\_. (1994). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

\_\_\_\_\_. (1999). *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes.